

Paisagem cultural vitícola da Serra Gaúcha: reflexões sobre patrimônio e turismo¹

Soeni Bellé²
Hernanda Tonini³
Rosa Maria Vieira Medeiros⁴

Resumo

Este trabalho, desenvolvido durante Pós-Doutorado no Departamento de Geografia da UFRGS, integra pesquisa em andamento na linha Cultura, Patrimônio e Territórios do Vinho. O artigo tem por objetivos discutir as relações entre paisagem e patrimônio cultural, identificar elementos que representem a paisagem vitícola da Serra Gaúcha e analisar a vinculação da paisagem cultural com o desenvolvimento do turismo na região. Os procedimentos metodológicos compreendem revisão bibliográfica e trabalho de campo em Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul e Pinto Bandeira, municípios situados no nordeste do Rio Grande do Sul, região conhecida como Serra Gaúcha. O artigo parte de reflexões acerca da complexidade e da evolução dos conceitos de Paisagem e de Paisagem Cultural. A seguir é feita uma síntese dos instrumentos de proteção de paisagens e citados exemplos de Paisagens Culturais Vitícolas reconhecidas pela Unesco. São apresentados os principais elementos identitários observados em paisagens vitícolas da Serra Gaúcha e discutida a expansão do turismo na região. Para finalizar, destaca-se a importância da identidade cultural na formação da paisagem e no turismo, evidenciando-se a necessidade da preservação e valorização do patrimônio e das paisagens para o desenvolvimento sustentável e fortalecimento do turismo na região estudada.

Palavras-chave: vinhedo; patrimônio cultural; paisagem; enoturismo; identidade cultural.

1. Introdução

As paisagens vitícolas da Serra Gaúcha resultam da complexa relação entre natureza e cultura, constituindo, ao longo do tempo, importante patrimônio material e imaterial.

Cada comunidade expressa na paisagem seus valores, costumes, símbolos, códigos de comportamento e padrões de escolha, imprimindo diferentes éticas e estéticas (ANDREOTTI, 2012). Assim, os diferentes momentos de desenvolvimento de uma sociedade são refletidos na paisagem, que adquire uma dimensão simbólica passível de leituras espaço-temporais (COELHO, 2011). Considerando que a paisagem também funciona como memória coletiva, sua valorização pode contribuir para a preservação do patrimônio cultural e, conseqüentemente, fomentar o turismo.

Para a atividade turística, a paisagem figura como um dos principais elementos de atração e interesse por parte dos visitantes (TERKENLI, 2004; MARUJO; SANTOS, 2012;

¹ O presente trabalho foi desenvolvido com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) durante Pós-Doutorado em Geografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Dr^a em Fitotecnia (UFRGS), Prof^a Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Bento Gonçalves; Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil; Pós-Doutoranda UFRGS; soeni.belle@bento.ifrs.edu.br.

³ Dr^a em Desenvolvimento Rural (UFRGS), Prof^a Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Bento Gonçalves; Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil; hernanda.tonini@bento.ifrs.edu.br.

⁴ Dr^a em Geografia (Université de Poitiers), Prof^a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; rmvmedeiros@ufrgs.br.

BROCHADO; STOLERIU; LUPU, 2021) e, neste sentido, a percepção dos elementos naturais e culturais ganha novo sentido, tanto para turistas quanto para moradores. Considerando sua relevância para o desenvolvimento do turismo, em especial, do enoturismo, as paisagens refletem a cultura local e proporcionam experiências únicas, argumento cada vez mais procurado pelos turistas e anunciado pelas agências de viagens, operadoras e órgãos de turismo municipais e regionais. A interação entre patrimônio cultural e turismo é tratada por Sotratti (2014), que destaca a importância da apropriação de bens culturais de alto valor simbólico pelo turismo, valorizando as expressões culturais locais e permitindo sua inserção na economia local. Nos últimos anos, a geografia tem ampliado as pesquisas que tratam do patrimônio cultural como elemento-chave para a compreensão dos processos territoriais relacionados ao turismo (AGRAMUNT; PERALES; GARRIDO, 2020).

Nesse contexto, o presente artigo tem por objetivos discutir as relações entre paisagem e patrimônio cultural, identificar elementos que representem a paisagem vitícola da Serra Gaúcha e analisar a vinculação da paisagem cultural com o desenvolvimento do turismo na região. Para alcançar os objetivos, os procedimentos metodológicos adotados compreenderam revisão bibliográfica e trabalho de campo. A revisão bibliográfica partiu de reflexões sobre a complexidade e a evolução dos conceitos de paisagem, paisagem cultural e paisagem vitícola, apresentando-se exemplos de instrumentos de patrimonialização existentes em âmbito nacional e internacional. Realizou-se trabalho de campo nos municípios de Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul e Pinto Bandeira, visando a identificação de elementos representativos da paisagem vitícola da Serra Gaúcha e relevantes para a atividade enoturística. Por fim, apresentam-se algumas considerações em relação ao trabalho e à necessidade de pesquisas futuras, bem como de ações de gestão em relação à preservação da paisagem cultural.

2. Paisagem: a complexidade do conceito e a multiplicidade de olhares

Paisagem é um termo polissêmico, com múltiplas definições, depende de quem o utiliza, em qual tempo e espaço. Segundo Donadieu (2007), existem diferentes abordagens na produção de conhecimento e interpretação do conceito de paisagem, conforme os métodos e teorias de cada área, quer seja no campo filosófico, artístico, científico ou empírico. Para o autor (2007), as noções de espaço, território, patrimônio, meio ambiente, jardim e natureza muitas vezes se confundem com a ideia de paisagem. Neste artigo serão apresentadas, de forma breve, as contribuições das Artes e da Geografia para a compreensão de paisagem.

A palavra *paisagem*, de acordo com Luginbühl (2007), surge em 1462, na Holanda, através do termo *landskap* (atualmente *landchap*). Ao longo do tempo surgiram diferentes

vocábulos para tratar do termo: *lanschaft* (Alemanha – 1502); *paisagem* (Portugal – 1548); *paysage* (França – 1549); *paesaggio* (Itália – 1552); *landskipe* (Inglaterra – 1598); e *landscape* (Inglaterra - a partir de 1603). No entanto, na China, a noção de paisagem é muito mais antiga. De acordo com Donadieu e Périgord (2007), Zong Bing escreve o primeiro tratado entre os séculos IV e V, chamado *Introdução à pintura da paisagem*. Na concepção chinesa, a paisagem, mesmo possuindo uma forma material, remete ao espírito. A pintura de uma paisagem é então expressa pelo termo *shanshui* (as montanhas e as águas) e *fengjing* (vento e vista) expressa a paisagem em chinês contemporâneo (DONADIEU e PÉRIGORD, 2007).

A imagem pintada de uma paisagem surge na Europa no contexto do movimento chamado *Quattrocento*, quando da descoberta da perspectiva do ponto central. Para Claval (2004), o marco na arte e na história da paisagem moderna é a pintura *La Vierge du Chandelier* de Rolin Jan Van Eyck, de 1433. Além de significar uma nova forma de representar a natureza, também reflete a laicização do mundo moderno e a expansão de princípios filosóficos ligados ao racionalismo e humanismo (DONADIEU; PÉRIGORD, 2007). De acordo com Coelho (2011), uma análise histórica do ambiente europeu associa a invenção da paisagem à realização de Ambrogio Lorenzetti com os afrescos do *Bom e do Mau Governo* (1337-1339), em que são representadas paisagens urbanas e rurais sob a influência de um bom e um mau governo.

A tradição italiana da pintura de paisagem difunde-se nos séculos XVII e XVIII e influencia pintores e jardineiros ingleses, que, inspirados pelas imagens pintadas, criam o jardim pitoresco inglês ou jardim paisagem. Contudo, é no século XIX que duas escolas de pintura marcam profundamente a representação da paisagem: a Escola de Barbizon e o Impressionismo (COELHO, 2011).

Atualmente, a fotografia tem ocupado um papel importantíssimo na produção de imagens de paisagens. Inicialmente, com objetivo documental, a fotografia popularizou as cenas de paisagens pitorescas através de todas as mídias disponíveis. A imagem de paisagens tornou-se uma ferramenta crítica, permitindo interações entre a arte e as ciências (DONADIEU; PÉRIGORD, 2007). A transição da pintura para a fotografia, na representação de paisagens, envolve mudanças conceituais e diferentes perspectivas na maneira de olhar, sendo a busca por captar o instantâneo uma forma de registrar a transitoriedade da vida moderna (COELHO, 2011).

Ao longo da história, a literatura contribuiu significativamente com estudos sobre a paisagem, quer seja através da descrição de paisagens reais ou imaginárias, sobretudo expressando a relação entre homem e sociedade (ANDREOTTI, 2012).

As artes, a fotografia e a literatura são muito importantes para a representação e expressão dos diferentes olhares sobre a paisagem, permitindo melhor compreendê-la em suas transformações no espaço e no tempo. Porém, é a Geografia, enquanto ciência, que vai se ocupar do estudo da paisagem.

O naturalista e explorador alemão Alexander Von Humboldt (1769-1859) é considerado pioneiro em relação ao desenvolvimento de uma ciência sintética do globo e de descrição de paisagens (RIBEIRO, 2007). Friedrich Ratzel (1844-1904) desenvolveu as bases da antropogeografia, precursora da geografia humana de Paul Vidal de la Blanche e da geografia cultural. O geógrafo americano Carl Sauer (1889-1975) defendeu a paisagem como conceito central da geografia, rompendo com as dualidades da disciplina (físico/humano e geral/regional), e reunindo muitos discípulos em torno da chamada Escola de Berkeley (RIBEIRO, 2007).

A partir do início da década de 1970, a paisagem passa a ser estudada simultaneamente sob várias dimensões, como a morfológica, funcional, histórica e simbólica, fortalecendo a influência das ciências humanas e sociais na geografia. Na década de 1980, surge a nova geografia cultural, agregando a influência dos geógrafos humanistas através da incorporação da simbologia da paisagem como um dos focos de análise. Um dos principais representantes dessa linha de pensamento é Denis Cosgrove que propõe a integração do materialismo dialético e dos aspectos subjetivos da simbologia da paisagem (COELHO, 2011). Na França, a renovação da geografia cultural possui como um de seus expoentes Augustin Berque, que destaca a complementaridade entre os componentes objetivos do espaço e os valores subjetivos da paisagem, como o espaço vivido, os símbolos, os sonhos, as religiões, os mitos, as utopias e as aspirações sociais (DONADIEU; PÉRIGORD, 2007).

Santos (2020, p.103), define paisagem como “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. Para Luginbühl (2007), a paisagem é objeto de interesse de profissionais e pesquisadores de diferentes correntes de pensamento, provocando muitas vezes disputas e posições contraditórias.

Um marco importante na busca de um entendimento internacional foi a realização da Convenção Europeia da Paisagem, realizada em Florença no ano de 2000, que em seu Capítulo 1, Artigo 1º, definiu: “Paisagem designa uma parte do território percebido pelas

populações, que tem como características o resultado da ação de fatores naturais e/ou humanos e de suas interações” (CONSEIL DE L’EUROPE, 2000, p. 2.).

A Convenção considera a paisagem um elemento importante da qualidade de vida das populações, do patrimônio cultural e natural, bem como da formação da identidade europeia. Além disso, reconhece a importância cultural, ecológica, ambiental e social da paisagem, constituindo-se em recurso favorável à atividade econômica, uma vez que sua proteção e gestão podem contribuir para a criação de empregos, sendo de direito e responsabilidade de cada um.

3. A patrimonialização da paisagem cultural

As primeiras cartas patrimoniais mundiais visavam preservar sítios, bens construídos e monumentos históricos de valor excepcional. Em seguida, espaços naturais ameaçados foram protegidos através da criação de reservas ou parques. Por fim, buscaram-se meios de proteger a paisagem, considerando-a como um duplo produto, material e simbólico, resultante de interações entre interesses públicos, coletivos e individuais.

Durante a 17ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – Unesco, realizada em Paris em 1972, frente a ameaças de destruição de bens considerados relevantes para a sociedade, foram lançados os primeiros esforços para a conservação de bens do patrimônio mundial, natural ou cultural. Ao classificar os bens como culturais ou naturais, a Convenção reforçou uma divisão entre os que se preocupavam com os sítios culturais, como monumentos, prédios e ruínas, e os que buscavam a conservação da natureza (RIBEIRO, 2007).

O reconhecimento da categoria Paisagem Cultural ocorreu em 1992, durante a Convenção do Patrimônio Mundial, sendo o primeiro instrumento jurídico internacional a reconhecer e proteger as paisagens culturais, rompendo com o antagonismo entre bem natural ou cultural. De acordo com a Convenção, a Paisagem Cultural é uma categoria de patrimônio mundial que tem por objetivo divulgar e manter paisagens que expressam a interação entre o homem e o ambiente, protegendo culturas tradicionais ainda vivas ou conservando os traços de povos antigos.

O Centro do Patrimônio Mundial, da Unesco, classifica as paisagens culturais em três categorias: paisagem claramente definida (projetada intencionalmente, como jardins), paisagem evoluída organicamente ou paisagem evolutiva (podem ser fósseis ou contínuas, que mantêm papel ativo na sociedade) e paisagem cultural associativa (que envolvem associações entre elementos religiosos, artísticos ou culturais com o elemento natural).

Algumas dessas paisagens representam a genialidade humana, através de uma obra-prima, ou se destacam pela especificidade no uso de técnicas de cultivo, por exemplo: terraços, jardins e uso de sistemas de irrigação. Outras exprimem práticas religiosas, artísticas ou culturais que testemunham uma relação espiritual entre o homem e a natureza. Além disso, a proteção de paisagens culturais tradicionais também colabora para a preservação da biodiversidade (CENTRE DU PATRIMOINE MONDIAL, 2019).

O primeiro local a receber a chancela de Paisagem Cultural pela Unesco foi o Parque Nacional de Tongariro (Nova Zelândia), em 1993. Apesar de já estar inscrito como Paisagem Natural, pelo valor geológico, recebeu também essa chancela devido ao significado religioso que as montanhas e vulcões do Parque possuem para o povo maori, simbolizando uma ligação espiritual entre o homem e o ambiente. Outro exemplo, são os campos agrícolas do Vale de Orcia/Siena, na Itália, que receberam a chancela pela preocupação estética no cultivo das áreas agrícolas, inspirando inúmeros pintores e artistas a representarem essas paisagens, mais conhecidas como *Toscana*.

A Unesco reconhece 14 Paisagens Culturais brasileiras, sendo uma delas mista, ou seja, reconhecida tanto como Paisagem Natural quanto Cultural (Paraty e Ilha Grande). Em 2012, a cidade do Rio de Janeiro teve sua paisagem entre a montanha e o mar reconhecida como Paisagem Cultural. A lista completa dos bens chancelados pela Unesco pode ser consultada em seu sítio oficial na internet (UNESCO, 2020).

No Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN é o principal articulador das ações de valorização, planejamento e gestão do patrimônio cultural brasileiro. Em 2009, a publicação da Portaria Iphan nº 127/2009 veio estabelecer o conceito e as condições para o reconhecimento da chancela de Paisagem Cultural Brasileira. De acordo com a Portaria, “Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (IPHAN, 2009).

Para receber a chancela de Paisagem Cultural Brasileira, que é uma espécie de selo de qualidade, deve ser elaborado um plano de gestão, envolvendo o poder público, a sociedade civil e a iniciativa privada, resultando em uma gestão compartilhada. O plano de gestão deve conter todas as ações voltadas à preservação dos valores que fazem do lugar uma Paisagem Cultural Brasileira.

Para Giordani (2019), a proteção do legado cultural presente nos territórios construídos é importante para que as futuras gerações possam conhecê-lo e usá-lo como proteção de seus referenciais identitários. Não se trata de preservar apenas elementos

arquitetônicos ou paisagísticos, mas também o patrimônio imaterial, os saberes e fazeres, os valores e referências culturais que estão presentes na formação da paisagem (SANTOS, 2006).

Manfio e Medeiros (2017) destacam que a paisagem é uma herança, pois manifesta em testemunhos uma realidade geográfica que conduz às múltiplas dimensões do *vivido*, extrapolando os limites territoriais e a concretude dos espaços. A relação da paisagem cultural ao discurso da memória, da história e da cultura também é reforçada por Andreotti (2012), que a considera um paradigma de valores éticos e estéticos.

4. Paisagens culturais vitícolas

De acordo com Luginbuhl (2005), a paisagem vitícola é profundamente cultural, sendo que desde a Antiguidade há registros de cultivos de videiras e representações de uvas e vinhas ornamentando objetos e obras de arte. A videira faz parte das primeiras imagens de paisagem, antes mesmo da palavra *paisagem* surgir. A partir do Renascimento é reforçada a relação do vinho como uma bebida que proporciona prazer e não apenas para a satisfação de necessidades básicas.

A partir da introdução da Chancela de Paisagens Culturais como Patrimônio Mundial, proposta em 1992, três regiões foram inicialmente reconhecidas como Paisagens Culturais Vitícolas, são elas: Saint-Émilion, na França, Alto Douro, em Portugal e Tokaj, na Hungria. No entanto, outras paisagens culturais também já possuíam a vitivinicultura em destaque, como Wachau, na Áustria, Vale do Loire, na França e Vale do Reno, na Alemanha. Devido à grande quantidade de paisagens vitícolas importantes, torna-se necessário estabelecer critérios para se definir o valor universal excepcional de cada paisagem e selecionar as mais representativas.

A última chancela de Paisagem Cultural foi atribuída pela Unesco às Colinas do Prosecco de Conegliano e Valdobbiadene, em 2019. Trata-se de uma paisagem vitícola situada no nordeste da Itália, compreendendo uma parte da zona de Denominação de Origem *Prosecco*. A paisagem se caracteriza por colinas de forte declividade, com pequenas parcelas de vinhedos instaladas sobre terraços estreitos, chamados de *ciglion*, com presença de bosques, terras agrícolas e pequenos vilarejos. Durante séculos, o terreno acidentado foi trabalhado e adaptado pelo homem. Desde o século XVII, os *ciglion* são utilizados formando uma paisagem em mosaico única, constituída de linhas de vinhas paralelas e verticais em relação à declividade. No século XIX, a técnica de sustentação das videiras,

chamada *bellussera*, também conferiu características estéticas peculiares a esta paisagem (UNESCO, 2021).

5. Paisagens Culturais Vitícolas e Turismo na Serra Gaúcha

Manfio e Medeiros (2017, p. 21) consideram que as paisagens vitícolas são únicas, “pois guardam expressões do ambiente, do vinho, da cultura regional, da arquitetura, da economia e da simbologia presentes no espaço e construídas pelos atores territoriais.” De acordo com as autoras (2017), as paisagens vitícolas são conhecidas pela materialidade de elementos como vinhedos, vinícolas, pátios de entrada das vinícolas, vinhos e espaços enoturísticos. Nesses espaços, percebem-se as formas naturais, mas também a forma de trabalho humano. Acrescentam ainda que a coligação entre cultura, vinho e ambiente natural forma diferentes tipos de paisagens.

A Serra Gaúcha caracteriza-se como um território constituído a partir da cultura dos imigrantes italianos que, a datar de 1875, ocuparam terras devolutas e cobertas com mata virgem. Os imigrantes aplicaram e adaptaram as técnicas de cultivo das videiras que empregavam na Itália, marcando a paisagem vitícola local (FALCADE, 2003; MANFIO e MEDEIROS, 2017).

Giordani (2019) destaca a proximidade entre a paisagem da região vitícola de Bento Gonçalves com as Colinas do Prosecco de Conegliano e Valdobbiadene, recentemente reconhecidas como Paisagem Cultural. Muitos imigrantes italianos oriundos daquela região se instalaram na Serra Gaúcha e adaptaram técnicas de cultivo e o saber fazer que trouxeram da Itália, marcando assim a paisagem local. A viticultura de montanha, realizada em encostas íngremes, dificulta ou impede a mecanização, exigindo muito mais da força de trabalho humano, o que acaba aumentando a expressão do “saber fazer” e da identidade cultural sobre o território e a paisagem. Essa influência pode ser percebida no sistema de condução e de sustentação das videiras.

Machado (2015) estudou a identidade e o território na Linha Leopoldina, do Vale dos Vinhedos, destacando como o cultivo das videiras e sua cultura influencia no modo de vida, nas ações e no trabalho cotidiano, caracterizando uma singularidade na relação do ser humano com o ambiente, o que se reflete na paisagem.

Dal Pizzol e Pastor (2016) destacam a importância do valor material e imaterial original e único da paisagem vitícola tradicional da Serra Gaúcha e da necessidade de preservação deste patrimônio. Os autores selecionaram 30 paisagens singulares de vinhedos no Rio Grande do Sul, de forma a representar o valor patrimonial desses espaços agrários,

permitindo assim que se possa entender a história da vitivinicultura riograndense. Dal Pizzol e Pastor (2016) defendem que o caráter patrimonial e a singularidade presentes no conjunto dessas paisagens constituem um valor universal, merecedor de um prêmio mundial.

Para Manfio e Medeiros (2017), ler a paisagem é um desafio que requer o entendimento das formas físicas a partir da sua essência. Assim, esse processo depende também da identificação da escala e dos processos que atuaram na sua construção e nas manifestações culturais que ali imprimiram os sentimentos e os desejos de um grupo social.

Falcade (2011) em sua tese de doutorado realizou importante estudo sobre a representação espacial da paisagem vitícola das regiões do Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo do Sul (Brasil). A autora (2011) baseou-se em trabalhos sobre tipologias de classificação de paisagens vitícolas francesas. A primeira classificação feita relaciona-se ao uso de tecnologias que caracterizam uma viticultura tradicional ou moderna. Outros elementos avaliados foram: sistema de condução, definindo a formação de teto horizontal (sistema em latada), plano vertical (sistema em espaldeira) ou plano duplo, lira e livro (entreaberto em Y); elementos de sustentação (tutores vivos, postes e pilares de pedra); localização (encosta, planos suaves e terraços); e tipologia ou identidade predominante (marchetaria, tetos, ondas e mosaicos).

A viticultura tradicional utiliza sistema de condução em latada, formando tetos, mosaicos e marchetaria. Os sistemas de condução formando planos verticais (espaldeira, lira e livro entreaberto ou sistema em Y) são associados à viticultura moderna (FALCADE, 2011). O sistema de condução afeta de forma marcante a paisagem, como pode ser visualizado na Figura 1 (sistema em latada) e na Figura 2 (sistema em espaldeira).

Figura 1 - Vinhedos conduzidos no sistema de latada em Faria Lemos, Bento Gonçalves.



Fonte: Soeni Bellé, dezembro de 2020.

Figura 2 - Vinhedo conduzido no sistema de espaldeira em Faria Lemos, Bento Gonçalves.



Fonte: Soeni Bellé, abril de 2020.

Outro elemento marcante na paisagem diz respeito à localização do vinhedo, se em encosta, em terraços, ou em planos suaves. Dependendo do relevo e do sistema de condução adotado, resultará a formação e visualização de ondas, marchetaria, tetos, mosaicos ou terraços. A formação de mosaicos de vinhedos cercados por plátanos, mata nativa ou outros cultivos (Figura 3) é elemento emblemático na paisagem vitícola da Serra Gaúcha.

Figura 3 – Mosaico de vinhedos sustentados por plátanos no Vale dos Vinhedos, Bento Gonçalves.



Fonte: Soeni Bellé, janeiro de 2020

O elemento de sustentação ou tutoramento usado no vinhedo influencia a paisagem, que possibilita a identificação dos seguintes tipos: tutores vivos; postes de madeira ou concreto; e pilares ou muros de pedras. Especialmente nos vinhedos tradicionais, em que o

mais comum é o uso do tutor vivo, através do plantio de plátanos (Figura 4). De acordo com Falcade (2011), o uso de plátanos como tutores é uma herança etrusca, trazida pelos imigrantes italianos que adaptaram a técnica às condições locais.

A importância estética do plátano na paisagem, é evidenciada em todas as estações do ano. Por tratar-se de uma espécie caducifólia, assim como a videira, também acompanha as mudanças das estações, promovendo lindos efeitos, especialmente no outono, com o amarelecimento das folhas (Figura 5).

Figura 4 - Uso de plátanos como tutores vivos em vinhedos de Monte Belo do Sul. A) sustentação de vinhedos no sistema de latada; B) detalhe do amarrão dos arames de sustentação



Fonte: Soeni Bellé, maio de 2020

Figura 5 - A) Exemplar centenário de plátano junto à vinhedo em Monte Belo do Sul. B) Estrada rural ladeada de plátanos (Monte Belo do Sul)



Fonte: Soeni Bellé, maio de 2020

A paisagem é um importante recurso para o turismo (TERKENLI, 2004; MARUJO; SANTOS, 2012; BROCHADO; STOLERIU; LUPU, 2021; LAVANDOSKI; LANZER, 2012), sendo responsável por motivar turistas e valorizar aspectos naturais e culturais de um destino turístico. Além disso, a paisagem torna-se uma das formas mais frequentes de *souvenir*, visto que os recursos audiovisuais contendo paisagens, em especial as fotografias e os vídeos, podem eternizar experiências vivenciadas em determinado local.

A atividade turística na região da Serra Gaúcha vem se firmando como uma das principais atividades econômicas, o que pode ser identificado pelo crescimento no número de visitantes no município de Bento Gonçalves, que de 2015 a 2019 cresceu mais de 50%, alcançando 1,6 milhões de visitantes nos diferentes roteiros (SEMTUR, 2020). O município possui cinco roteiros em que a paisagem vitícola se destaca, sendo que o Vale dos Vinhedos – considerado a principal rota de enoturismo do país – é o que atrai o maior número de turistas. Em pesquisa nesse roteiro, Lavandoski e Lanzer (2012) analisaram a percepção dos atrativos por parte dos turistas e verificaram que a paisagem recebeu o maior destaque em relação a outros elementos – inclusive às vinícolas. Nesse contexto, a palavra *parreira* é a mais recorrente entre os participantes.

Em virtude do potencial turístico do Vale dos Vinhedos, foi criada, por meio do Plano Diretor de Bento Gonçalves, a Área de Proteção à Paisagem Cultural Vale dos Vinhedos. O Artigo 37º do Plano indica que “os vinhedos, a linha do horizonte e as edificações históricas” são elementos protegidos e, para tanto, tem-se como condição de proteção: as áreas destinadas à viticultura só poderão ser utilizadas para outros fins se substituídos por novas áreas de cultivo de uva (IPURB, 2018).

Consoante à temática enoturismo, a paisagem cultural adquire significado ímpar, visto a relação existente entre saberes, costumes, território, plantio do vinhedo, ou ainda, a arquitetura de uma vinícola. O patrimônio material e imaterial se faz presente na chamada paisagem cultural vitícola e torna-se elemento de valorização e preservação da cultura local enquanto impulsionador da atividade turística. Nessa concepção, Pastor (2014) afirma que a “paisagem agrária” deve ser vista como uma paisagem do cotidiano, em que aparecem os traços de trabalho gerados pelas pessoas da comunidade ao longo de anos.

Uma das dificuldades apontadas por Pastor (2014) reside na falta de participação por parte de pessoas que vivem em uma região vitivinícola (produtores de uva, por exemplo), mas que não fazem parte diretamente da cadeia de enoturismo – vinícolas, empreendimentos turísticos, atrativos. No entanto, a participação desses sujeitos é importante, especialmente no que tange ao aspecto cultural e na experiência da oferta turística.

Segundo Ruiz e Pulpón (2020), ao contemplar uma paisagem, uma série de emoções e sentimentos vêm à tona, e, nesse sentido, sugerem que quanto melhor o estado de conservação da paisagem de uma região, melhor será a experiência por parte de visitantes e pessoas da comunidade local. Dessa forma, os autores identificam que a relação entre turismo e vinhos – consequentemente a paisagem vitícola – tem a capacidade de envolver aspectos que se aproximam das propostas de sustentabilidade.

Inúmeros elementos podem ser destacados no que se refere à paisagem vitícola da Serra Gaúcha. Além dos elementos utilizados no estudo de Falcade (2011), chamam a atenção, por exemplo, o plantio de roseiras nos limites dos vinhedos e na beira de estradas rurais, simbolizando o cuidado, a dedicação e o amor à terra demonstrado pelos viticultores e moradores das comunidades rurais (Figura 6).

Figura 6 – Plantio de roseiras na borda de vinhedo e na beira de rodovia em Pinto Bandeira.



Fonte: Soeni Bellé, setembro de 2020

Outro elemento que remete à memória e à história local é a presença de muros de pedras para sustentar o parreiral e o uso de grandes pedras para tensionar os arames dos vinhedos, como pode ser visto na Figura 7. O trabalho em pedra faz parte do saber fazer do imigrante italiano, que ao chegar na região, utilizou esse recurso natural abundante para construir muros, taipas e mesmo nas construções das casas, tornando-se outro elemento identitário importante na paisagem rural da Serra Gaúcha (FALCADE, 2011).

Figura 7 – Pilar de pedras servindo como tutor em vinhedo tradicional (Monte Belo do Sul).



Fonte: Soeni Bellé, maio de 2020

O uso da madeira oriunda dos pinheiros nativos (*Araucaria angustifolia*) para a construção de casas e outras construções, em geral associado ao uso de pedras, também marca o território e a paisagem vitícola. Giordani (2019) destaca que ao utilizar a madeira de uma espécie que não existia na Itália, os imigrantes desenvolveram técnicas de construção peculiares. As tábuas de pinheiro (com 5,50 m de comprimento) permitiam a construção de casas de dois pavimentos, e as pedras de basalto eram usadas para a construção do porão, onde era instalada a cantina em que eram elaborados os vinhos e embutidos. A importância desse tipo de construção na paisagem da Serra Gaúcha é destacada pelo tombamento junto ao IPHAN dos conjuntos presentes nos municípios de Santa Tereza e Antônio Prado.

Entre os valores imateriais que fazem parte do patrimônio regional, pode-se destacar o artesanato em vime, palha de milho e de trigo (Figura 8). Técnicas como a dressa (tranças de palha de trigo) são utilizadas na confecção de sacolas, cestas, chapéus e outros utensílios necessários ao trabalho cotidiano. Atualmente, esse saber fazer tem sido ressignificado e valorizado em novos produtos, utilizados como elementos de decoração.

A gastronomia de origem italiana – a elaboração de massas, biscoitos, embutidos, queijos e outros produtos – é um dos principais elementos identitários, representando valores materiais e imateriais do patrimônio cultural local. A gastronomia também é sinônimo de mesa farta e de confraternização, sendo um dos maiores atrativos das festas comunitárias, a

exemplo dos Festivais do Vinho Colonial, realizados nos distritos de Bento Gonçalves com o objetivo de promover os vinhos e alimentos produzidos pela agricultura familiar.

Figura 8 – Produtos de artesanato e utensílios ligados à imigração italiana (Osteria della Colombina, Rota do Sabor/Garibaldi).



Fonte: Soeni Bellé, janeiro de 2020

A vida em comunidade e a cooperação entre os moradores se materializam também nos núcleos formados por salão comunitário, capela, cemitério, canchas de bocha ou campos de futebol, muito presentes em distritos e comunidades rurais e construídos a partir do trabalho e dos recursos dos próprios moradores.

No mundo todo o turismo rural tem sido apontado como uma opção para a geração de emprego e a dinamização do espaço rural, com destaque para o crescimento do enoturismo. Assegurar o acolhimento dos turistas, propor atividades variadas, adaptadas a cada um, e lhes propiciar viver “experiências” inesquecíveis, implica em organização, melhorias e mudanças profundas no sentido e na percepção dos espaços rurais e agrícolas envolvidos. Nesse contexto, a paisagem vitícola torna-se uma ferramenta ou meio de promoção do turismo, mas também é afetada pela atividade turística. Darnay (2017) considera que a patrimonialização de paisagens vitícolas, às vezes, é fomentada pelo turismo e, outras vezes, significa esperança para o seu desenvolvimento. A autora cita como exemplo a grande patrimonialização ocorrida

na Europa, respondendo a uma demanda da sociedade e da necessidade de reconhecimento do setor vitivinícola.

A presença de turistas, e consequente expansão de serviços de alimentação, amplia o mercado para os produtos locais. Com apoio de órgãos públicos, como Emater e Secretarias de Agricultura (municipais e estadual), a implantação de agroindústrias familiares e vinícolas coloniais vêm sendo estimuladas, o que propicia agregação de valor aos produtos agrícolas, gerando renda e oportunidades de trabalho. Isso, por sua vez, tem colaborado para o retorno de muitos jovens às propriedades rurais, que passam a ter uma gestão mais empreendedora.

A recente Lei do Vinho Colonial (BRASIL, 2014), por exemplo, tem estimulado a implantação de pequenas vinícolas em propriedades familiares, com comercialização direta de até 20 mil litros de vinhos e/ou sucos elaborados a partir de uvas próprias. Um dos objetivos dessa Lei é justamente colaborar com a preservação do saber fazer e com as origens da vitivinicultura no Brasil.

É importante estar atento aos riscos que envolvem a perda da memória, dos valores materiais e imateriais que definem a identidade e marcam a paisagem cultural vitícola da Serra Gaúcha. De acordo com De Varine (2013), o desenvolvimento não é sustentável se não está em harmonia com o patrimônio – a paisagem, a fauna e a flora específicas, as tradições e os sabores, os modos de vida, os monumentos e os arquivos ou as lembranças carregadas de significado – e se não contribui para o seu crescimento e para a vida humana. Esse patrimônio constitui as raízes da comunidade em seu território, elemento da identidade e fator de consciência coletiva.

Ao mesmo tempo que o turismo contribui para o desenvolvimento da região, também pode significar uma ameaça à paisagem em virtude da especulação imobiliária, dos projetos de condomínios residenciais, bem como ocupações irregulares no seu entorno, como é o caso do Vale dos Vinhedos (GABARDO; VALDUGA, 2019). O Artigo 78º do Plano Diretor de Bento Gonçalves prevê a possibilidade de construção de condomínios vitivinícolas no Vale dos Vinhedos (IPURB, 2018). Lavandoski e Lanzer (2012) reforçam que a gestão da paisagem envolve delimitar áreas a serem protegidas, evitando impactos negativos relacionados às diferentes formas de uso do solo. Nessa mesma direção, Giordani (2019) alerta para a perda da matriz cultural, empobrecimento cultural e territorial que a implantação de condomínios fechados vem ocasionando no Vale dos Vinhedos, criando espaços artificiais. A autora (2019) acrescenta que os novos usos do território, com seus novos habitantes alheios à produção vitícola, podem levar a uma segregação identitária dos valores culturais impressos nos anos de construção das comunidades.

Da mesma forma, a instalação de empreendimentos sem relação cultural com a uva e o vinho, pode afetar a paisagem vitícola. O caso do Vale dos Vinhedos é emblemático por ter sido a primeira região no Brasil a obter do INPI o registro de Indicação de Procedência, em 2002 e, em 2012, de Denominação de Origem (EMBRAPA, 2021). Este reconhecimento e sucesso acarretou numa forte valorização imobiliária, o que pode levar ao abandono da atividade rural, e assim, descaracterizar a paisagem.

Para Andreotti (2012), o patrimônio cultural deve ser protegido para impedir a perda da identidade. A autora destaca que não se trata de proteger apenas os bens considerados patrimônio da humanidade, mas também os mais modestos, como construções rurais, capitéis, percursos, referências visuais, detalhes ornamentais, fontes, pontes, entre outros. Andreotti (2012) também alerta que a modernidade está desfigurando o perfil de muitos lugares, disseminando intervenções banais, incoerentes e desordenadas. Muitas vezes, a inserção de corpos estranhos à tradição rompe o equilíbrio do espaço definido, harmonioso, completo ao longo das épocas e estilos que traçaram sua existência. No Vale dos Vinhedos, por exemplo, são encontradas construções em estilo medieval, que, apesar de chamar a atenção dos turistas, não possuem relação com a cultura e paisagem local.

Giordani (2019) chama a atenção para o estabelecimento de norma na Denominação de Origem Vale dos Vinhedos, que prevê apenas o sistema de condução em espaldeira para obtenção do selo de qualidade, o que pode acarretar o abandono do sistema de condução em latada e a perda da paisagem tradicional vitícola da região.

6. Considerações finais

As questões abordadas demonstram a importância de programas de educação patrimonial e de gestão da paisagem, elaboradas de forma participativa e interdisciplinar. De Varine (2013) destaca que o patrimônio, sob suas diferentes formas, é o húmus para o desenvolvimento local, que só pode ser alcançado com participação efetiva, ativa e consciente da comunidade que detém esse patrimônio.

Os benefícios que a paisagem proporciona, quando se trata da atividade turística, são inegáveis e, no caso do enoturismo, faz parte de sua essência tanto quanto a existência das vinícolas. No entanto, esse recurso deve ser encarado com a finitude que lhe é característica, levando em consideração que sua transformação é parte do contexto histórico e envolve os elementos culturais das pessoas de determinada localidade.

As experiências nacionais e internacionais de patrimonialização, bem como os documentos legais a respeito, indicam caminhos que podem ser seguidos a partir da realização

de inventários, planejamento local, ações de comunicação e marketing, capacitações, financiamento, e monitoramento constante do plano de gestão. Todavia, o tema da preservação de paisagens culturais ainda é muito incipiente no Brasil, exigindo o envolvimento de equipes multidisciplinares, da comunidade local, do poder público e dos diversos segmentos econômicos comprometidos com um desenvolvimento sustentável. Torna-se cada vez mais relevante conciliar passado, presente e futuro e, assim, manter a essência do lugar.

Referências

AGRAMUNT, R.A.; PERALES, R.M.Y.; GARRIDO, M.D.P. La adaptación ao uso turístico del patrimonio cultural. Una propuesta metodológica de evaluación. *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, v. 66/3, 2020, p. 487-511. Disponível em: <<https://doi.org/10.5565/rev/dag.559>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

ANDREOTTI, G. O senso ético e estético da paisagem. The ethics and aesthetics of the landscape. Trad. Beatriz Helena Furlanetto. *RA'EGA*, v. 24, 2012, p. 5-17. Disponível em: <<http://www.geografia.ufpr.br/raega>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

ANDREOTTI, G. *Paisagens Culturais*. Trad. Ana Paula Bellenzier *et al.* Curitiba: Editora UFPR, 2013. 222p.

BRASIL. Lei nº 12.959, de 19 de março de 2014 (Lei do Vinho Colonial). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12959.htm. Acesso realizado em 04 de janeiro de 2020.

BROCHADO, A.; STOLERIU, O. M.; LUPU, C. Wine tourism: a multisensory experience. *Current Issues in Tourism*, v. 24, n.5, p. 597-615, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335082608_Wine_tourism_a_multisensory_experience>. Acesso em: 18 abr. 2021.

CENTRE DU PATRIMOINE MONDIAL. *Orientations devant guider la mise en oeuvre de la Convention du patrimoine mondial*. Paris: Unesco, 2019. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/fr/orientations>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) *Paisagem, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 13-74.

COELHO, L.C. *Revelando a paisagem através da fotografia: construção e aplicação de um método*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional. 2011. 313p. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40403>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

CONSEIL DE L'EUROPE. *Convention européenne du paysage*. Série des traités européens - nº 176. Florence: Conseil de l'Europe, 2000.

DAL PIZZOL, R.; PASTOR, L.V.E. *Paisagens dos vinhedos rio-grandenses*. Doris Couto (Org.). Bento Gonçalves: Instituto Rinaldo Dal Pizzol, 2016. 288p.

DARNAY, S. Paysages viticoles: paysages ruraux ? Leur évolution sous l'influence du tourisme et de leur patrimonialisation. *Projets de paysage: Revue scientifique sur la conception et l'aménagement de l'espace*. n.17, 2017. p. 1-24. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/paysage/4341>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DE VARINE, H. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. 1ª Reimpressão. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2013. 256p.

DONADIEU, P. Le paysage: un paradigme de médiation entre l'espace et la société? *Économie Rurale*, 297-298, 2007, p. 5-9. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/economierurale/1916>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

DONADIEU, P.; PÉRIGORD, M. *Le paysage*. Paris: Ed. Armand Colin, 2007. 127p.

EMBRAPA. *Indicações geográficas de vinhos do Brasil*. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/indicacoes-geograficas-de-vinhos-do-brasil/ig-registrada/do-vale-dos-vinhedos>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

FALCADE, I. Paisagens vitícolas brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 10, 2003, Bento Gonçalves, *Anais [...]* Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2003. p.133-136.

FALCADE, I. *A paisagem como representação espacial: a paisagem vitícola das regiões do Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo do Sul (Brasil)*. Tese (doutorado). Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/36052>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

GABARDO, W. O.; VALDUGA, V. Los sistemas culturales y el paisaje del viñedo brasileño: recursos para el enoturismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, v. 28, n. 3, p. 759-779, 2019.

GIORDANI, M. E. P. *Paisagem cultural vinícola – entre parreirais, a urbanização e a proteção do Vale dos Vinhedos, Bento Gonçalves, RS*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2019. 248p.

IPURB [Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves]. Lei complementar nº 200, de 27 de julho de 2018. Dispõe sobre a ordenação territorial do município de Bento Gonçalves e sobre a política de desenvolvimento municipal e de expansão urbana, aprova o Plano Diretor Municipal e dá outras providências. Bento Gonçalves, 2018. Disponível em: <http://ipurb.bentogoncalves.rs.gov.br/uploads/downloads/Lei_Complementar_200.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

LAVANDOSKI, J.; LANZER, R. M. A paisagem como atrativo para o visitante do Vale dos Vinhedos, Sul do Brasil. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, v. 3, n. 17/18, p. 1271-1284, 2012.

LUGINBÜHL, Y. Paysages viticoles. In : *Étude thématique: Les Paysages Culturels Viticoles*. Paris: ICOMOS, 2005. p.15-20.

LUGINBÜHL, Y. Pour un paysage du paysage. *Économie Rurale*, 297-298, 2007, p.23-37. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/economierurale/1931>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

MACHADO, V. S. Fundamentos sobre a identidade e o território na Linha Leopoldina, no Vale dos Vinhedos. In: MEDEIROS, R.M.V.; LINDNER, M. (Org) *Expressões da Cultura no Território*. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2015. p.123-133.

MANFIO, V.; MEDEIROS, R. M. V. A paisagem do vinho na Campanha Gaúcha. In: MEDEIROS, R.M.V.; LINDNER, M. (Org.) *A uva e o vinho como expressões da cultura, patrimônio e território* [recurso eletrônico] Porto Alegre: Editora Evangraf, 2017. p.21-36.

MARUJO, N.; SANTOS, N. Turismo, Turistas e Paisagens. *Revista Investigaciones Turísticas*, n. 4, julho/dezembro, 2012, p. 35-48.

IPHAN. *Paisagem Cultural*. Brasília: Iphan, 2009. 44p.

PASTOR, L. V. E. El paisaje del viñedo: su papel en el enoturismo. *Revista Iberoamericana de Viticultura, Agroindustria y Ruralidad*, v. 1, n. 3, p. 12-32, 2014.

RIBEIRO, R.W. *Paisagem Cultural e Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007. 152p.

RUIZ, M. del C. C.; PULPÓN, Á. R. R. Paisajes del viñedo, turismo y sostenibilidad: interrelaciones teóricas y aplicadas. *Investigaciones Geográficas* (España), n. 74, p. 9-28, 2020.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ª ed. 10ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020. 384p.

SEMTUR [Secretaria Municipal de Turismo]. Estatísticas do turismo em Bento Gonçalves. Planilha disponibilizada pela Secretaria Municipal de Turismo. Bento Gonçalves, 2020.

SOTRATTI, M.A. *Turismo cultural e patrimônio cultural: aproximações e contrastes*. In: MARAFON, GJ., SOTRATTI, MA., and FACCIOLI, M., comps. *Turismo e território no Brasil e na Itália: novas perspectivas, novos desafios* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, pp. 22-40. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/z9wz8/pdf/marafon-9788575114452.pdf>> Acesso em: 03 fev. 2021.

TERKENLI, T. S. Landscapes of tourism: towards a global cultural economy of space? *Tourism Geographies*, v. 4, n. 3, p. 227-254, 2002.

UNESCO-ICOMOS. *World Heritage Cultural Landscapes*. Paris:ICOMOS, 2009. 213p.

UNESCO. Liste du Patrimoine Mondial. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/fr/list/>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

UNESCO. Le Colline del Prosecco di Conegliano e Valdobbiadene. Disponível em:
<<http://whc.unesco.org/en/list/1571/>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

Paisaje cultural vitícola de la Serra Gaúcha: reflexiones sobre patrimonio y turismo

Resumen

Este trabajo, desarrollado durante el Post Doctorado junto al Departamento de Geografía de la UFRGS, hace parte de un proyecto de investigación conectado a la temática Cultura, Patrimonio y Territorio del Vino. El artículo tiene como objetivos discutir las relaciones entre paisaje y patrimonio cultural, identificar elementos que expresan el paisaje vitícola de la Serra Gaúcha y analizar la vinculación del paisaje cultural con el desarrollo del turismo en la región. Los procedimientos metodológicos incluyen investigación bibliográfica y un trabajo de campo en Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul y Pinto Bandeira, comunas que integran la región Norte-Este del estado de Rio Grande do Sul, conocida como Serra Gaúcha. El artículo parte de reflexiones acerca de la complejidad y de la evolución de los conceptos de Paisaje y Paisaje Cultural. A continuación, se realizó una síntesis de los instrumentos de protección de paisajes y se citó ejemplos de Paisajes Culturales reconocidos por la UNESCO. Se presenta los principales elementos identitarios observados en los paisajes vitícolas de la Serra Gaúcha y se discute la expansión del turismo en la región. Para finalizar, se destaca la importancia de la identidad cultural en la formación del paisaje y en el desarrollo del turismo, evidenciándose la necesidad de la preservación y de la valorización del patrimonio y de los paisajes para el desarrollo sostenible y el fortalecimiento del turismo en la región de investigación.

Palabras claves: viñedo; patrimonio cultural; paisaje; turismo del vino; identidad cultural.

Paysage culturel viticole de la Serra Gaúcha: réflexions sur le patrimoine et le tourisme

Résumé

Ce travail réalisé au cours de Post Doctorat au sein du Département de Géographie de l'UFRGS, fait partie d'un projet qui s'inscrit dans l'axe de recherche « Culture, Patrimoine et Territoires du Vin ». L'article a pour objectifs de discuter le lien entre paysage et patrimoine culturel, d'identifier les éléments qui expriment le paysage viticole de la Serra Gaúcha et d'analyser la relation entre le paysage culturel et le développement du tourisme dans la région. La méthodologie repose sur une révision bibliographique et un travail de terrain à Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul et Pinto Bandeira, communes de la région nord-est de l'État du Rio Grande do Sul, connue sous le nom de Serra Gaúcha. L'article part de la réflexion sur la complexité et l'évolution des concepts de Paysage et Paysages Culturels. Après on trouvera une synthèse des instruments de la patrimonialisation des paysages et de quelques exemples de Paysages Culturels Viticoles reconnus par l'UNESCO. On présente ensuite les principaux éléments qui caractérisent les paysages viticoles de la Serra Gaúcha et on discute l'expansion du tourisme dans la région. Enfin, on souligne l'importance de l'identité culturelle dans la formation du paysage et pour le développement du tourisme, et on met en évidence la nécessité de la conservation et de la valorisation du patrimoine et des paysages pour le développement durable et la consolidation du tourisme dans la région étudiée.

Mots clés: vignoble; patrimoine culturel; paysage; œnotourisme; identité culturelle.

Vineyard cultural landscape of Serra Gaúcha: reflections about heritage and tourism

Abstract

This article has been developed during the postdoctoral at the Geography Department of UFRGS and is part of a research project linked to Culture, Heritage and Territories of Wine. The article aims to discuss the link between landscape and cultural heritage, to identify elements that express the wine growing landscape in the Serra Gaúcha and to verify the relation between cultural landscape and tourism development in the region. The methodological procedures included bibliography review and fieldwork in Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul and Pinto Bandeira, cities in the northeast region of Rio Grande do Sul, known as Serra Gaúcha. The article starts from thinking about the complexity and the development of Landscape and Cultural Landscape concepts. Thereafter we bring a synthesis of the instruments of landscape patrimonialization and we also mention

examples of Vineyard Cultural Landscape recognized by UNESCO. We present the main identifying elements observed in the Serra Gaucha wine growing landscapes and discuss about tourism expansion in the region. To finalize, we highlight the importance of the cultural identity in landscape formation and in tourism, showing the need of preservation and enhancement of the cultural heritage and landscapes to promote sustainable development and tourism strengthening in the studied region.

Keywords: vineyard; cultural heritage; landscape; wine tourism; cultural identity.